

Editorial

Estudos de Efetividade de Psicoterapias: O Problema do *Missing Data* e da Aderência à Técnica

As pesquisas de efetividade das psicoterapias têm aumentado significativamente ao longo das últimas décadas (Roth & Fonagy, 2005). No entanto, ainda há a necessidade de se construir um corpo de trabalho sistematizado sobre o rumo e o futuro desses esforços. Apesar de um amplo corpo de evidências sobre a efetividade de diversos tipos de psicoterapia estar sendo gerado, algumas questões inerentes ao delineamento e tratamento estatístico dos dados desses estudos permanecem em discussão. Os pontos que ainda devem ser melhor investigados e discutidos pela comunidade científica e clínica se relacionam com um refinamento metodológico dos estudos. Esse refinamento deve buscar identificar primariamente respostas relacionadas tanto ao problema da aderência à técnica psicoterápica utilizada, quanto ao problema do manejo dos inerentes *missings* de dados nos delineamentos teste-reteste e longitudinais.

Quando uma pesquisa indica a efetividade de determinado tipo de psicoterapia, é necessário que esteja claro o controle de aderência à técnica daquele modelo teórico de intervenção testado. Ou seja, que garantias existem de que todos os psicoterapeutas envolvidos no estudo em questão *realmente* utilizaram da técnica em questão? E, dentro das diferentes ramificações teóricas existentes nos diversos tipos de psicoterapia, como saber exatamente com qual destas ramificações a técnica psicoterápica avaliada se relaciona?

Existem estratégias de controle metodológico e estatístico para responder a essas perguntas, mas que geralmente não são utilizadas e/ou descritas no *research report* final. Uma estratégia adequada seria a gravação e transcrição das consultas, que posteriormente seriam avaliadas por juízes independentes especialistas na teoria e técnica estudada. Com isso, pode-se calcular o *Prevalence-Adjusted and Bias-Adjusted Kappa* (PABAK), conforme proposto por Byrt, Bishop, e Carlin (1993), a fim de realizar a mensuração estatística da aderência à técnica através da concordância entre juízes. Sem procedimentos como esse, depende-se única e exclusivamente da “palavra” dos pesquisadores, que por sua vez dependem da “palavra” dos psicoterapeutas envolvidos nos estudos. Tal fato é demasiadamente perigoso, se o que se quer é aumentar o número de inferências clínicas possíveis acerca da efetividade de determinada técnica psicoterápica, aproximando o delineamento de determinado estudo ao “padrão-ouro” metodológico.

Outro problema inerente aos estudos de efetividade de psicoterapia é que todos eles possuem perda de participantes e/ou dados ao longo do período da pesquisa. Essa perda está estimada entre 30 a 70% do número inicial de participantes até o final do estudo, momento da “mensuração” do desfecho clínico, dependendo do delineamento utilizado (Roth & Fonagy, 2005). Sendo assim, é necessário que se relate como se deu o tratamento estatístico desses dados perdidos, identificando a técnica e/ou estratégia utilizada. Isso é importante pois existem diversas opções para se fazer isso. Pode-se, por exemplo, completar os *missings* com valores estimados (e trata-los como se fossem valores observados). Ou então utilizar o *Last Observation Carried Forward* (LOCF), ou a *média* simples das observações anteriores, ou a *moda* das observações anteriores, ou alcançar um valor determinado por análise de regressão, ou até analisar apenas os dados disponíveis (i.e., descartam-se as informações de participantes com *missing data*).

Independentemente da estratégia escolhida, deve-se apontar no estudo as vantagens e/ou desvantagens que justificaram essa escolha. Ao se escolher uma estratégia de manejo dos *missings*, é estritamente necessário que se relate qual foi esta estratégia, pois dependendo

do modelo escolhido, os dados possuirão um nível maior ou menor de confiabilidade. Além disso, é necessário que se utilizem modelos estatísticos que permitam o levantamento de hipóteses acerca da relação dos *missings* com as informações que de fato estão disponíveis no banco de dados. Também é recomendado que se realizem análises de sensibilidade, para avaliar o quanto os dados são sensíveis à estratégia de manejo dos dados escolhida. Por fim, é importante acrescentar à discussão do trabalho algumas considerações sobre o impacto em potencial que os *missings* podem ter nos resultados apresentados sobre os tratamentos investigados.

Finalmente, é crucial que se tenha em mente que o método de um estudo que busca avaliar efetividade de psicoterapias deve ser rigorosamente controlado em vários outros aspectos também. O mais importante é a *relevância clínica e social* do problema de pesquisa levantado. Os demais, metodológicos, seguem-se a este. Deve-se, então, estimar o tamanho amostral, a randomização ou não dos participantes, o monitoramento da melhora dos mesmos em vários pontos do tratamento, através de diferentes medidas, e a necessidade ou não de um *follow-up*. O desfecho deve ser avaliado por uma estratégia multicritério, incluindo minimamente os tamanhos de efeito intra e inter tratamentos, os níveis de remissão de sintomas, os *Number Needed to Treat* (NNTs), e as taxas de perda amostral (*attrition rates*). Para finalizar, cabe salientar que o adequado planejamento do delineamento de um estudo de efetividade de psicoterapia é peça preliminar e *fundamental* para prevenir dificuldades futuras na execução do projeto, ou na publicação da pesquisa em periódicos indexados de qualidade, nacionais ou internacionais.

Andre Goettems Bastos

Doutor em Psicologia UFRGS,
Mestre em Psicologia Clínica PUCRS,
PNPD do Programa de Pós-Graduação
em Psicologia da PUCRS.

Referências

- Byrt, T., Bishop, J., & Carlin, J.B. (1993). Bias, prevalence and kappa. *J Clin Epidemiol*, 46(5):423-9.
- Roth, A. & Fonagy, P. (2005). *What Works for Whom? A Critical Review of Psychotherapy Research*. New York: The Guilford Press.